

Atravessamentos de gênero na dependência de drogas: um levantamento bibliográfico

Silvia Regina Marques Jardim
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: silvia.regina@uesb.edu.br

1431

Palavras-chave: Dependência química. Gênero. Drogas lícitas e ilícitas. Feminismo interseccional

INTRODUÇÃO

O propósito do texto é entrelaçar as temáticas relações sociais de gênero e o uso abusivo de drogas, com enfoque para a dependência feminina de drogas. Parte do pressuposto de que discutir a dependência química à luz do gênero é, tentar visibilizar uma grande parcela da sociedade que foi minorizada em prol de um grupo social hegemônico marcado pelo sexo masculino, adulto, heterossexual.

As formas de classificar o que é lícito e ilícito sofrem variações ao longo do tempo e de acordo com culturas. No Brasil, existem substâncias classificadas como lícitas, como o álcool e o tabaco que são comercializadas livremente para pessoas acima de 18 anos e há substâncias ilícitas cujo comércio é considerado ilegal.

Carneiro (2005, p. 11) explica que os sentidos do termo “droga” e proibicionismos sofrem alterações os contextos históricos, sociais e culturais. No senso comum, droga aparece como com algo proibido e imoral. Podemos, ainda, ser dependentes de substâncias que nos dão prazer, tais como cafeína, açúcar, sexo, jogos, remédios diversos etc. Carneiro (2005, p. 16) ressalta que, mesmo na indústria farmacêutica, há drogas permitidas e outras substâncias consideradas proibidas. Assim, droga não se reduz a substâncias proibidas e compreendemos a importância de desconstruir preconceitos quando se trata de assuntos relacionados a drogas ou à dependência química. Especificamente, este trabalho vai tratar de dependência de substância química entre mulheres a partir de uma pesquisa exploratória por meio de um levantamento bibliográfico a

Realização:



Apoio:



respeito de como se dá o cruzamento entre a dependência de drogas e a questão de gênero. Tentamos produzir um delineamento de dissertações e de teses que contemplam as relações sociais de gênero e sua interface com o uso e abuso de drogas (lícitas e ilícitas) dissertações e teses defendidas em Programas de Pós-Graduação no Brasil entre 2010 e 2022.

Convém ainda dizer que procuramos agregar a perspectiva do feminismo interseccional. Um feminismo que pensa de forma plural e que mostra que a diferença sexual é atravessada por marcadores sociais diversos que agravam as desigualdades sociais. A teoria da interseccionalidade tem como finalidade destacar “[...] a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinação de gênero, de classe e das opressões estruturantes da matriz colonial moderna de onde saem [...]” (Akitirene, 2019, p. 24). Assim, as experiências das mulheres estão assentadas no entrecruzamento de marcadores que compõem múltiplas identidades e relações de dominação e de exploração. Acreditamos que pensar a mulher dependente de drogas também é um marcador social, pois elas sofrem mais discriminação e violência do que os homens. Isso porque o prazer e a transgressão são atributos mais aceitos socialmente e, muitas vezes até justificados na diferença biológica, quando se fala que o transgressor foi homem, preferencialmente de classe média, heterossexual e branco.

METODOLOGIA

É uma pesquisa em andamento que possui a natureza exploratória e descritiva. Foi realizado um levantamento de dissertações e teses defendidas em Programas de Pós-Graduação no Brasil entre 2010 e 2022. A fonte de dados foi a Biblioteca de Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A coleta dos títulos se deu em 2023 e chegamos ao número de 32 trabalhos, sendo 10 teses e 22 dissertações.

Adotamos os pressupostos da Análise de Conteúdo postulados por Bardin (2011), para destacar os tópicos mais abordados e verificar possíveis padrões e, assim, organizar categorias para compreender como vai se delineando o tema que interessa a essa pesquisa: como as pesquisas abordam estudos sobre drogas e como trazem à tona a questão da mulher? Não é um estudo que permite um panorama nacional das pesquisas, mas permite compreender a dependência das drogas a partir da perspectiva do gênero.

Realização:



Apoio:



RESULTADOS E DISCUSSÃO

As dissertações e teses são produzidas em anos e programas diferentes em diversos lugares do país e há uma predominância de autoria feminina; os campos de estudos que sobressaem é o da Psicologia e Saúde Mental. Os temas falam do exercício da maternidade, importância de políticas públicas efetivas para mulheres usuárias ou dependentes de substâncias químicas, transtornos mentais, estigmas, vulnerabilidade social, violência, qualidade de vida, cuidado, mulheres grávidas, saúde da mulher, CAPS AD. A área de saúde e psicologia são áreas ligadas ao cuidado e, portanto, áreas que são ocupadas por profissionais mulheres. A medicina é uma área predominante masculina, mas ao se tratar de cuidar de mulheres (e também de crianças), percebemos a predominância da atuação feminina. Mulheres cuidam e, quando necessitam de cuidados, são outras mulheres tanto no âmbito privado quanto público que se propõem ao cuidar de outras. Destacamos as categorias:

1. **Tipos de drogas mais usados pelas mulheres e motivos que desencadearam o consumo:** As drogas mais usadas são o álcool, a maconha e o crack, sendo o crack a droga que chega depois de terem tido experiências outras drogas. Exemplos de motivos: desintegração familiar, sentimento de isolamento social, incentivo por parte de amigos e companheiros e situações de vulnerabilidade social e violência. A unidade de tratamento mais citada é o CAPS AD – Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas e é um centro que necessita ter mais atenção no que diz respeito ao atendimento especializado.
2. **Qualidade de vida, saúde mental e busca por tratamento:** o sentimento de vergonha faz com que as mulheres não procurem tratamento, junto a desinformação e medo de perder a guarda dos filhos. Contraditoriamente, o que as levam a buscar tratamento é o resgate da maternidade e reinserção no grupo familiar. Ou, após engravidarem, veem a maternidade como motivo para se recuperarem e assumir um modo de vida mais condizente com os papéis de gênero. Nesta categoria, é importante sublinhar o trabalho de CAPS AD que acolhe e escuta. Mas apesar de esforços, as instituições de acolhimento e cuidado da saúde das mulheres mostram frágeis e elas enfrentam a barreira de serem estigmatizadas.

Realização:



Apoio:



3. **Violência:** violência um assunto que perpassa todos os trabalhos. A violência leva ao uso de drogas como forma de fuga à realidade; depois que as mulheres são usuárias ficam mais exposta à violência psicológica, física, sexual. Há, ainda, mulheres em situação de rua e elas estão expostas a diversas formas de violências como a violência policial.

4. **Moralismo e religião:** controle dos corpos femininos resultado do exercício do pátrio poder que, sob o discurso de proteger a mulher, aprisiona-a em papéis a serem desenvolvidos e a pune quando rompe o padrão idealizado para uma mulher. Por outro lado, a religião também aparece como um dos fatores de ajuda e motivação para as mulheres permanecerem em tratamento, desde que haja a intenção de acolher e promover o aumento da estima que as mulheres tem de si.

4. **Maternidade e uso de drogas:** a maternidade surge sob diversos pontos de vista e um dos atravessamentos da maternidade é o moralismo. Sobre ela, pairam discursos que enaltecem o papel da mulher que deve se dedicar ao papel de boa de mãe, abdicando, muitas vezes, dos estudos e da realização profissional. Para as usuárias e dependentes de drogas lícitas ou ilícitas, a maternidade tem um peso moral ainda mais forte. Por não responderem adequadamente às expectativas sociais, elas são punidas com discursos moralistas, sentem-se culpadas e autocondenam-se. Além disso, perdem direitos de exercer a maternidade ao terem a guarda de seus filhos atribuídas a outras pessoas ou a instituições governamentais, sob o argumento de não serem capazes de cuidar deles.

5. **Interseccionalismo:** a diferença de ser mulher vem acompanhada do racismo, pobreza, baixa escolaridade, relações afetivas frágeis e poucas oportunidades no mercado de trabalho, o que torna as mulheres usuárias mais vulneráveis e a violências diversas e o menosprezo por suas histórias de vida. O pátrio poder controla corpos das meninas e mulheres e usa vários dispositivos para esse controle e submissão feminina. O uso e o abuso de drogas estão ligados a formas de fugir de problemas de ordem social e afetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo dos textos revela que o uso e, posteriormente, o abuso e a dependência de drogas, estão relacionados à forma como muitas mulheres reagem a situações de estresse,

Realização:



Apoio:



ansiedade, medo entre outros. O uso abusivo de drogas está ligado a uma forma de anestesiar sofrimentos femininos diversos, como: timidez ou baixa estima; violência doméstica; violência sexual, a influência de parceiros afetivos, pobreza, pouca ou nenhuma escolaridade, pouca renda, subemprego. As mulheres iniciam o uso ainda em idade precoce e o uso se estende até a fase adulta, agravando situações de vulnerabilidade a que estão impostas.

Contemplar perspectivas inclusivas de gênero significa libertar as mulheres do moralismo e do desempenho de certos papéis sociais a elas atribuídos e naturalizados como um “destino”.

Falar das drogas, das desigualdades de gênero, do racismo, da pobreza são temas que devem estar em todas as instâncias sociais e a sala de aula é um dos lugares propícios para essa abordagem. Porém, para estar nas salas de aula da Educação Básica, é preciso que as universidades se atentem para estas questões. O feminismo interseccional reforça que a questão da mulher não é homogênea: ela carrega atravessamentos que não podem ser desconsiderados quando se trata de políticas públicas e inclusão social. Por isso, a abordagem interseccional é fundamental para garantir que as políticas públicas e as ações sociais levem em conta as múltiplas formas de opressão que as mulheres enfrentam e possam atuar de forma integrada para superar essas barreiras. Isso inclui ações que garantam o acesso à educação de qualidade e políticas que promovam a equidade e a justiça social para as mulheres.

REFERÊNCIAS

Akotirene, C. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Bardin, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

Beauvoir, S. **Por uma moral da ambiguidade**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Carneiro, H. Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: VENÂNCIO, R. P; CARNEIRO, H. **Álcool e Drogas na história do Brasil**. São Paulo: Alameda, Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, p. 11- 28

Louro, G. L. Corpo, Gênero e Sexualidade um debate contemporâneo na educação. **Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, “o diferente” e o “excêntrico”**. 4ª edição. Porto Alegre. Ed. Mediação. 2010.

Realização:



Apoio:

